

O CARNAVAL E AS FANTASIAS DE “CLOVIS” : CULTURA SIMBÓLICA

Celio Pinto de Souza

Faculdade Machado de Assis

Pós Graduação em Docência do Ensino Superior

Resumo: O trabalho que elaboramos é decorrente da observação e pesquisa à respeito de costumes populares tradicionais em nossa região. A fantasia de “Clovis” em particular, é uma delas e certamente merece ser pesquisada e trabalhada como parte significativa da cultura do bairro de Santa Cruz e adjacências, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, visando enfatizar o seu valor histórico enquanto manifestação artística popular, e sua evolução através dos anos. A pesquisa tem como objetivo, valorizar esse patrimônio ora apresentado, dimensionando ações com a finalidade de preservação e divulgação à nível de interesses turísticos dessa tradição proporcionando assim possíveis melhorias para a comunidade no que diz respeito à exploração desse atrativo turístico e sua sustentabilidade.

Palavras Chave: Carnaval, Clóvis e Santa Cruz.

Motivados pelo desejo em participarmos do Iº Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, fomos buscar junto ao cotidiano de nossa comunidade, no caso a de Santa Cruz, elementos que realmente se prestassem para representarem sem dúvida nenhuma a forma mais popular de manifestação cultural que, ao longo dos anos vem se transformando e, que tal transformação nos chamou a atenção, tornando-se assim motivo de nosso estudo.

O carnaval de rua do bairro carioca de Santa Cruz, não pode simplesmente ser visto ou estudado como apenas mais um e sim, como um acontecimento que tem fundamentos históricos valiosos, documentados em rica bibliografia à qual pesquisamos e, que talvez, em um estudo

comparativo dentro do Estado do Rio de Janeiro, seja o mais autêntico, antigo e de maior importância histórico e cultural, descaracterizado ao longo dos anos.

A figura do “Clóvis” como elemento de grande importância no carnaval de rua de Santa Cruz, também é documentada na sua origem e importância mencionada em nosso trabalho.

Para tal, utilizamos como elementos bibliográficos em nossa pesquisa, o texto “O Clóvis ou a criatividade popular num Carnaval massificado”, de Alba Zaluar Guimarães, farta documentação do NOPH (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica) que tem sede em Santa Cruz, Trabalho final do Curso de Doutorado em Língua Portuguesa apresentado pelo aluno André Crim Valente, de título “O Clóvis (a criatividade popular e a carnavalização) e, outros que serão mencionados em nossa bibliografia.

Carnaval

Festa, Ruptura, Transgressão; Festa pagã, de origens milenar, o Carnaval, constitui-se num momento lúdico teatral onde atores, personagens e platéias se misturam e, nessa interação, apresentam um espetáculo único, sem igual, em todos os sentidos pois tanto atores, quanto platéias, por mais que viessem a insistirem, não conseguiriam nunca repeti-lo e muito menos as emoções que de diferentes ídoles e com diferentes intensidades, atuam de maneira individual ou massificada naquele momento mágico do Carnaval. E se por mais perfeitos que sejam suas repetições nos movimentos e coreografias, jamais conseguiremos repeti-los, pois o principal, que é a emoção não se repete mais.

O carnaval, também funciona como elemento desinibidor ou válvula de escape onde são proporcionados momentos para liberação do ser reprimido pelas pressões das sociedades onde vivem, onde são feitas as críticas diretas ou indiretas aos sistemas, onde são fomentadas as grandes paixões ou apenas paixões passageiras, onde os conceitos de belo e feio perdem o sentido, assim como o do certo e errado também. É nesse sentido que observamos o grande valor do Carnaval enquanto mobilizador social, necessário para compensar os desafetos da vida urbana e também, como aglutinador de extremo benefício social se usado ou melhor, se “orquestrado” de maneira positiva, sem apelações.

Nos dias de hoje, certamente mais visto do que brincado, o carnaval mantém ao longo dos anos suas característica de ser a festa mais popular do povo brasileiro. É nele que o povo extravasa seus problemas e é durante o “Reinado de Momo” onde tudo é esquecido, tudo é felicidade e

alegria, onde não há lugar para tristezas. Talvez, até mesmo por estas hipóteses e pela grande necessidade de extravasamento do stress do dia a dia, observamos o crescimento dos “Carnavais fora de Época” que, oriundos das cidades do interior do nordeste, hoje chegam até as grandes capitais, transformado em um grande negócio que atrai turistas do mundo inteiro, o Carnaval perdeu a sua característica original, principalmente nas grandes capitais que seria a de diversão do povo como um todo, colocando-o como um mero espectador de alguns poucos privilegiados que desfilam em agremiações, blocos ou escolas de samba, fazendo parte de um grande Show, vendido pela mídia para o mundo inteiro.

Sobre o Carnaval de Santa Cruz, podemos falar que desde a época do Império, quando D. Pedro I para lá se deslocava com parte da corte para passar as comemorações de Momo, que é notório, havendo inclusive hipóteses a respeito do surgimento de fantasias que remontem desta época como Diabinhos, Morcegos, Caveira, etc...

Já na década de 20, inclusive com documentação fotográfica, observamos como era rico e intenso o “Carnaval de rua de Santa Cruz”. Os Préstitos carnavalescos, como eram chamados os carros alegóricos, montados sobre carroças de madeira, decorados com panos pintados à mão, abordavam temas variados. Assim como os préstitos, os coretos contribuíam com uma grande parcela na grandiosidade do carnaval de rua, quando através de artistas plásticos e com o patrocínio dos comerciantes locais, construía verdadeiras obras de arte para o deleite de todos.

Tanto os préstitos quanto os coretos eram disputados através de concurso entre os clubes da época. Isto ocorre entre 1920 a 1930 considerada por carnavalescos da época como “a era de ouro do carnaval de Santa Cruz”.

À partir da recusa do comércio local em apoiar o carnaval tradicionalmente feito em Santa Cruz, surge o “Bloco da Crítica” que em seu primeiro desfile critica exatamente aqueles comerciantes que se recusaram à subscrever patrocínio.

O Clóvis

Misterioso e macabro e ao mesmo tempo ingênuo e dócil, debochado e irreverente, assim podemos observar a figura do clóvis, de origens pouco lícitas que no Brasil teve, como podemos constatar, através de bibliografia suas primeiras aparições em Recife e no Rio de Janeiro,

particularmente na zona rural de Santa Cruz. Estas origens, justificam-se pela hipótese da chegada da fantasia de clóvis pelos alemães através do Zepelim e, no caso particular de Santa Cruz, para a Base Aérea onde com a finalidade de receber essas aeronaves, foi construído um grande hangar.

No que diz respeito a fantasia na sua singularidade, podemos observar várias semelhanças com indumentárias do passado medial europeu. O nome clóvis que muitos dizem ter raízes no termo inglês ou alemão CLOWN que ambas as línguas tem o mesmo significado que é palhaço, em suas diversas e discutidas versões tem a sua aparição em Recife justificada um tanto quanto de maneira lúdica segundo considerações do historiador e professor Sinvaldo do Nascimento Souza, à respeito da versão formulada por Francisco D.R. Pfaltzgraff quando afirma que: “em Recife – Terra dos Zepelins também tem uma fantasia bem semelhante, só que luxuosa, de seda acrescida de dois (2) detalhes:

- a) Uso de máscara totalmente prateada e provida de um fecho-eclair;
- b) Ao invés de “bexiga”, castanholas.

Ora, o “Graff Zeppelin”, para vir ao Brasil, fazia escalas na Espanha, ou e, Sevilha, ou em Barcelona, ou ainda na Base Aérea de Tablada portanto, as castanholas estão perfeitamente justificadas.

Sobre a bexiga, Pfaltzgraff diz o seguinte: “ A bexiga estava dentro de muitos zeppelins e foi até precisamente o Graff Zeppelin”. Os sacos de gás eram feitos de duas camadas de pano de algodão e entre eles 50.000 pedaços de estômagos e tripas de animais o que prova a bexiga como parte da fantasia.

Esta interpretação da chegada do Clóvis através dos alemães fica de certa forma irreal, a partir do momento em que ao constatar os fatos as afirmações do historiador Benedicto de Freitas que garante-nos que a pelo menos duas décadas antes da chegada do Zeppelin no Brasil, os clóvis já eram vistos durante o carnaval de Santa Cruz.

Convém agora ressaltar, a importância da figura do Clóvis como personagem protagonista de toda uma simbologia carnavalesca marcante no carnaval da periferia do Rio de Janeiro e em particular à Santa Cruz.

Em seu estudo específico sobre a figura do Clóvis, Alba Zaluar faz considerações indispensáveis para um perfeito entendimento do assunto.

Segundo ela, ao contrário da afirmação de muitos de que o carnaval de rua estaria sendo espoliado e vitimado pelo crescimento dos meios de comunicação e da indústria do turismo, e que

com elas, também sucumbiam a espontaneidade e a criatividade populares, afirma, e isso podemos constatar que ainda existe um animadíssimo carnaval de rua principalmente nas áreas periféricas da cidade, apesar de ao contrário de outros, não receber apoio quase que nenhum do poder público. Particularmente no bairro de Santa Cruz, esta resistência ainda é notada e, nela encontramos a figura tão polêmica do clóvis, que não é apenas uma fantasia mais, “uma brincadeira” que através dos anos, carnaval a carnaval ainda resiste e insiste em se manter viva passando através das gerações a maneira divertida de se brincar o carnaval..

Evidentemente, que o crescimento urbano já não nos permite mais brincar de clóvis como antes, acentuado pelas diversas transformações sócio-econômicas pelas quais passaram principalmente a zona rural mas, mesmo assim a importância tanto física como cultural da fantasia como elemento materializador do personagem crítico, polêmico, romântico, macabro e tantos outros adjetivos que poderíamos agregar se faz fundamental durante o período carnavalesco.

Assim concluindo, podemos observar que o simples fato da resistência de uma fantasia carnavalesca ao transpassar décadas de existência confirma também a resistência de um povo na vontade de perpetuar sua cultura, apesar dos apesares mantendo vivas centelhas de esperança em podermos mostrar para o futuro coisas do passado, de maneira viva fazendo reviver.

BIBLIOGRAFIA:

- GUIMARÃES, Alba Zaluar. *O Clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado*. Cadernos do Centro de Estudos Sociais e Urbanos, São Paulo, nº 11, 1ª série, 1978.
- _____. *Máscaras e Fantasias de Carnaval*. Rio de Janeiro, Funarte, 1985.
- VALENTE, André Crim. *O Clóvis (a criatividade popular e carnavalização)*. Tese de Doutorado Faculdade de Letras - UFRJ, Rio de Janeiro, 1989.